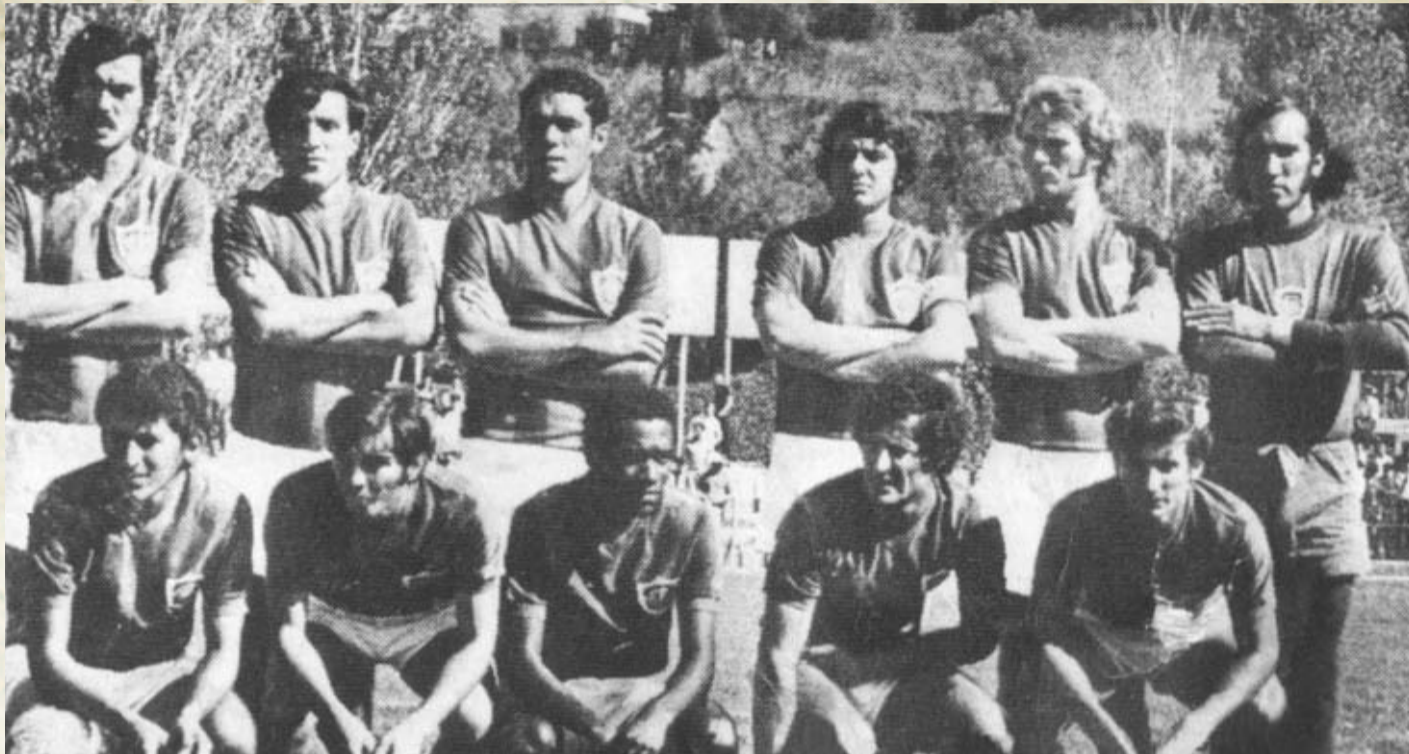


Há 40 anos o Marítimo disputou o primeiro jogo nos 'nacionais'



A equipa verde-rubra que ficou para a história há 40 anos.

A ESTREIA DE UMA EQUIPA INSULAR FOI AINDA ANTES DO ADVENTO DA LIBERDADE

EMANUEL ROSA
desporto@dnoticias.pt

Faz amanhã 40 anos que o Marítimo fez a estreia absoluta nos campeonatos nacionais de futebol. Aconteceu a 16 de Setembro de 1973, na primeira jornada da então Zona Sul do Campeonato Nacional da II Divisão, jogando em Leiria. Uma estreia saldada com uma derrota frente à turma leiriense, por 2-3, mas que fica como mais um marco importante na pujante história da colectividade do Almirante Reis. Feito que acontece ainda antes do advento da liberdade em Portugal, em condições particularmente difíceis e mesmo pouco dignificantes para o Marítimo e para a Região.

Contudo, fazendo um pouco de história, no início da década de 70 do século passado, os responsáveis pelo Marítimo começaram a equacionar o acesso dos clubes das ilhas às divisões nacionais. As provas regionais a que estava inserido já se tinham tornado demasiado pequenas para as ambições do clube. Daí a desejada ambição de atravessar um Atlântico, que sufocava as pretensões de crescimento do C. S. Maríti-

mo. Um processo doloroso e complicado iniciado em 1972, com a Associação de Futebol do Funchal a ter igualmente um papel importante, perante a animosidade dos restantes parceiros insulares.

Campeão de Portugal em 1926

Mas, numa retrospectiva histórica, concluir-se-á que entre 1921 e 1938, as equipas madeirenses participaram no chamado Campeonato de Portugal, disputado por eliminatórias e que sagrou o Marítimo campeão de Portugal em 1926. Com todos os jogos a serem disputados fora de casa. Em 1939 foi criado o Campeonato da I Divisão. Viviam-se em pleno estado novo e já havia ocorrido a Revolta da Madeira. Para além de que o Marítimo vivia nessa altura uma grave crise financeira, que mesmo assim não lhe retirou a hegemonia do futebol madeirense, viu-lhe ainda a F. P. F. dificultar o acesso das equipas fora do espaço continental à disputa destas provas durante alguns anos. Só mais tarde foi permitida a participação do representante das ilhas numa eliminatória da Taça de Portugal, nos anos 50 do século passado. Enquanto isso, o Marítimo ia vencendo e dominando na ilha, com deslocamentos periódicos fora do país (ficou célebre a digressão à África portuguesa) período de hegemonia apenas interrompido pelo ciclo vitorioso do União (sete anos consecutivos campeão da Madeira) nos finais dos anos 50, início da década de 60 do

século passado. Para além das presenças na Taça de Portugal, em que atingiu, por duas vezes, as meias-finais da competição.

Alcançado o direito aos 'nacionais'

O Marítimo enceta as negociações para sair da ilha e encontra em Artur Agostinho, um prestigiado homem da rádio e televisão portuguesas (na altura director do jornal Record), um distinto defensor, junto à F. P. F., dos interesses da Associação de Futebol do Funchal, como na época se designava. O Marítimo enfrenta ainda a vontade de três rivais se juntarem (Nacional, Sporting e União) para uma participação nacional. O clube não se opõe à criação dessa equipa, mas recusa aderir ao projecto, justificando que sozinho tinha possibilidades de conse-

guir o acesso por mérito próprio.

Neste contexto, e depois de árduas e complicadas negociações com a F. P. F., fica estabelecido que o campeão regional da Madeira da temporada 1972/73 disporia de uma vaga para disputa de uma liguilha (hoje play-off) entre os últimos da II Divisão e os primeiros da III Divisão Nacional, mas ficando essa equipa vencedora responsável pelo pagamento das viagens e estadia das equipas continentais, bem como da equipa de arbitragem. Para além de que, para participar na liguilha, teve o Marítimo que juntar uma garantia bancária, junto da A. F. F., de oitocentos contos. Condições pouco dignificantes, mas estávamos ainda no tempo do velho regime, cá e lá. O Marítimo sagrou-se campeão regional nessa

temporada – o seu 35º e último título de campeão da Madeira – e assegura a vaga de acesso ao campeonato Nacional da II Divisão. E avança, pese embora todas as condições ultrajantes.

Estreia entremeada com o 25 de Abril

O Marítimo, no entanto, não assegura directamente o acesso à II Divisão. Nessa liguilha teve, como adversários, as equipas do União de Montemor, Sacavenense, Tramagal e Odivelas e acaba na terceira posição, com os mesmos pontos do segundo (Tramagal) e a um ponto do primeiro (União de Montemor), o que dar-lhe-ia um lugar na então III divisão nacional, escalão que o clube nunca disputou. Acabou, contudo, por beneficiar do alargamento ocorrido na II Divisão (passou de 18 para 20 clubes em cada uma das duas zonas, Norte e Sul), estreando-se em Leiria a 16 de Setembro de 1976. O Marítimo acabaria por se classificar na 5ª posição nesta sua primeira temporada nos nacionais de futebol, com 42 pontos somados, fruto de 18 vitórias, seis empates e 14 derrotas, 69 golos marcados e 54 sofridos.

Curiosamente, a parte final desta temporada de estreia foi marcada pelo 25 de Abril de 1974 e que determinaria uma viragem em todos os aspectos da vida social, política e desportiva da Madeira. Quatro anos depois o Marítimo alcançaria a I Divisão e partiria para um novo ciclo da sua história.

A EQUIPA DA ESTREIA EM LEIRIA

Para a história, fica a equipa que, frente a U. D. Leiria, fez a estreia absoluta nos campeonatos nacionais de futebol, no dia 16 de Setembro de 1973. Treinada por Alberto Sachs, o primeiro 'onze' foi este: Severino; Belarmino, Emanuel Freitas, Hilário e Isaque; Tininho, Spínola e Vasco; Joel, Orivaldo e Noémio. No banco estiveram José Dias, Andrade, Ângelo Gomes e Luís Calisto, numa equipa que apresentou apenas três jogadores

não madeirenses, os brasileiros Severino, Joel e Orivaldo. O Marítimo ainda esteve a vencer, golo de Vasco aos 15 minutos (o primeiro golo num campeonato nacional), mas a União de Leiria daria a volta completa ao resultado. Aos 85 minutos Noémio apontou o segundo do Marítimo, mas a equipa perderia por 2-3. Refira-se que o jogo foi dirigido pelo árbitro de Setúbal, José Luís Tavares.